

Folha de S. Paulo

22/05/1985

Bóias-frias param no Interior do Estado de São Paulo

Da Sucursal de Ribeirão Preto

do Correspondente em Araçatuba

O primeiro dia da greve dos canavieiros, na região de Ribeirão Preto (a 319 quilômetros de São Paulo), foi vivido num clima de expectativa e tensão, quando logo nas primeiras horas da manhã de ontem milhares de bóias-frias de doze cidades se dirigiram para os pontos de piquetes, a fim de evitar que os caminhões pau-de-arara seguissem para os canaviais.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara (a 94 quilômetros de Ribeirão Preto), e diretor tesoureiro da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp), Helio Neves, 27, calculou em 67 mil o número de bóias-frias, que aderiram ao movimento deflagrado na noite de anteontem na região de Ribeirão Preto. O ponto principal do impasse continua sendo o controle de produção, já que o sistema misto proposto pelos usineiros não foi aceito pelos canavieiros.

Piquetes

Das dezenas de piquetes realizados ontem nos doze municípios em greve, o único que despertou maior atenção da Polícia Militar foi o da rodovia Armando Sales de Oliveira (Rodovia da Laranja), em Pitangueiras (a setenta quilômetros de Ribeirão Preto), quando cerca de duzentos trabalhadores rurais impediram o tráfego de caminhões que transportavam cana para as usinas.

Uma tropa de choque, com mais de cinqüenta homens, comandada pelo major Luis Fábio da Fonseca, 44, do 13º Batalhão de Polícia de Araraquara, foi mobilizada e em menos de vinte minutos os quatorze caminhões que haviam sido retidos pelos bóias-frias voltaram a trafegar. "O direito de ir e vir deve ser respeitado pelos trabalhadores", disse o major, que não acredita na possibilidade de ocorrer conflitos entre a Polícia e os canavieiros.

Alguns bóias-frias tiveram seus podões (ferramenta utilizada no corte da cana) apreendidos pela PM, com a promessa de que só poderiam resgatá-los na Delegacia do Município. "Não é certo a Polícia agir assim", reagiu Valdecir de Oliveira Vítor, 27, o primeiro a ter sua ferramenta retida. "Nós estamos apenas dispostos a evitar confusão" retrucou o major Luis Fonseca, garantindo ao trabalhador que ele teria seu podão de volta.

Em Sertãozinho (a 22 quilômetros de Ribeirão Preto), onde a greve atingiu a totalidade de seus quinze mil bóias-frias, o maior de todos os piquetes foi realizado no Jardim Cohab 3. Cerca de trinta veículos ficaram impossibilitados de seguir para a lavoura, mas nenhum incidente foi registrado.

O vereador Luís Carlos Garcia (PMDB), 26, compareceu ao piquete; de cima de uma cadeira, pediu aos trabalhadores rurais que evitassem confusões.

Laranja

Os apanhadores de laranja de Bebedouro (a oitenta quilômetros de Ribeirão Preto), a maior produtora de cítricos do País, também formaram piquetes: os pontos mais movimentados estavam nos Jardins Cláudia 1 e 2. Lá, a exemplo de Sertãozinho, o clima era de tranquilidade e a PM acompanhava as manifestações a pequenas distâncias. "Se a Polícia permanecer

como está, não haverá violência", antecipava o presidente do sindicato dos trabalhadores local, José Nunes do Nascimento, 36.

Com a colheita interrompida, as indústrias de sucos já começam a enfrentar algumas dificuldades. A Cargill, considerada uma das maiores da região, ontem foi obrigada a parar suas moendas por falta de matéria-prima, conforme informou um de seus funcionários. "Até agora não entrou nenhum caminhão para descarregar", revelou ele, dizendo que a média diária da Cargill é de quatrocentos caminhões.

O fiscal de campo David de Paula Nogueira, 48, da Cutrale, confirmou o que disse o funcionário da empresa concorrente: "Está difícil até mesmo comprar laranja hoje, pois não tem quem as apanhe."

Noroeste

Os sindicatos do Grupo 2 — Noroeste, que representam cerca de 15 mil trabalhadores rurais do setor canavieiro da 9ª Região, vão firmar posição, amanhã, juntamente com o setor patronal, na proposta de remuneração da produção diária, ou seja: 20% do preço mínimo da cana por tonelada/dia (que eles preferem converter em metro), ou então a mesma contraproposta apresentada pelo Sindicato de Mirandópolis e que foi estudada pelos usineiros na última reunião entre as partes, ocorrida semana passada.

(Primeiro Caderno — Página 12)